

O Im/Pulso Poético nos contos de Anderson Braga Horta

Wilson Pereira

Anderson Braga Horta, autor de mais de 20 livros, entre poemas, crítica literária, crônicas e contos, é sobretudo poeta. E poeta premiado nacionalmente, inclusive com o disputadíssimo *Prêmio Jabuti*, conquistado com o livro *Fragments da Paixão*, em 2001. Talvez por sua lide constante com a composição poética, laivos de poesia sempre permeiem seus textos em prosa, como ocorre em suas crônicas e, também, como se in /tenta expor a seguir, em seus contos.

Editados recentemente sob o título de *Pulso Instantâneo*, esses contos sabem a poesia e se realizam em consonância com um projeto de contensão e tensão dramática. Já a partir do título do livro, impõe-se a noção e a conotação de algo momentâneo, fugaz. Assim, as breves narrativas registram impulsos humanos que pulsam como os ponteiros de um tempo determinado.

Ensinam os teóricos que literatura é recriação, transfiguração da realidade, ou criação de uma supra-realidade. E ensinam, outrossim, que a ficção é imitação da vida, o que é certo, pois há que se buscar no que é fingido, inventado, uma verossimilhança, que dá suporte ao entendimento do leitor. Mesmo os movimentos literários que buscaram afastar-se do espelho realista, rompendo o elo imediato com a realidade imanente, caso do realismo fantástico ou do teatro do absurdo, entre outros, não perderam de todo o vínculo com o real, senão tornar-se-iam ininteligíveis. Enfim, por mais ávido de novidade e de experimentalismo que seja o autor e, por extensão o leitor, ambos necessitam de um referencial, bússola a guiá-los na viagem a bordo do imaginário artístico.

Mas o que tem a ver com o aparte teórico do parágrafo acima os contos de *Pulso Instantâneo*. Seguindo a tradição do gênero narrativo, eles encontram lastro na realidade aparente: são fatos que poderiam ter acontecido ou poderiam acontecer. Mas a forma como o autor estrutura essas peças narrati-

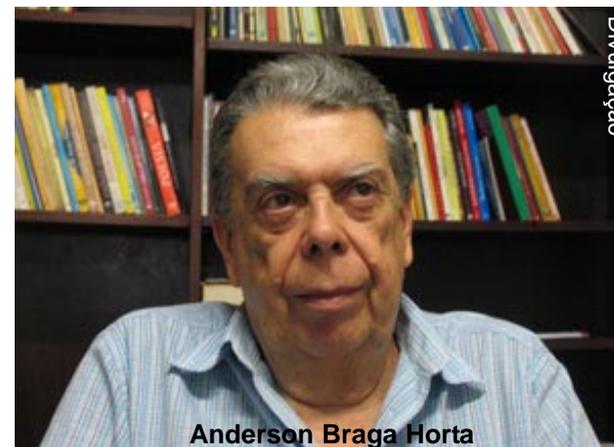
vas deixa transparecer certa inovação, e o que parece digno de nota é, como enunciados acima, a sua realização poético-narrativa. Há contos que se constroem não como simples imitação da realidade, mas como metáforas da realidade. E o que uma coisa tem de diferente da outra é que na metaforização o autor acaba impregnando a narrativa de sugestões, de conotações, de uma subjetividade afim com a da tessitura poemática.

Exemplo dessa construção híbrida é o primoroso conto “A Jardineira”. A viagem começa bem, num dia de tempo bom (de sol), e prossegue com os passageiros se aproximando uns dos outros por certas afinidades. No trajeto há um rio, sem ponte, obrigando que a travessia se faça por barco. O velho e conhecido barqueiro, naquele dia, foi substituído por outro, de nome Caronte, alusão e alegoria ao mitológico barqueiro, que tinha, na mitologia grega, a função de fazer a travessia das almas para o outro mundo. De repente a chuva vem forte, acompanhada de ameaçadores trovões e relâmpagos. Um dos personagens, contador de potocas, metido a valentão, tem o desprante de atirar contra as nuvens (metáfora da arrogância, de quem gosta de desafiar os poderes superiores e, nesse caso, o poder sobrenatural). Em contrapartida “O céu responde com fogos e estrondos de fuzilaria”. O desfecho, elíptico, nos dá conta de como podem ser vistos os mortos em fotografia do acidente. Enfim, o conto nos parece um conjunto de metáforas que convergem para uma metáfora maior, que é a do poder soberano da morte sobre todo tipo de vivente, não poupando humildes nem, muito menos, arrogantes.

Nessa mesma perspectiva metafórica está o extraordinário e sugestivo conto “Tambores”. Aqui se narra, em primeira pessoa, a execução do personagem narrador (e narrado). A breve narrativa, que pode ser vista como mini-conto, já toma o fato em seu desfecho, em seu clímax dramático (tensão e contenção dramática, pois). Não importa o motivo pelo qual o per-

sonagem está sendo conduzido ao muro, para o fuzilamento. Que fato gerou tal situação? Quem o julgou? Houve justiça ou não? O condenado caminha conduzido por anônimos soldados: “Não os vejo pessoas. Examino-os fardas encardidas apontando fuzis, botões impessoais martelando tambores, mãos brotantes de corpos baldios a prepararme, lacônicas. Não, não são pessoas: forças cegas obedientes ao comando.” Este conto se reveste de uma misteriosa realidade (mesmo que seja realidade ficcional). Ao mesmo tempo em que apresenta fatos que poderiam, sim, dizer respeito a um prisioneiro de guerra, ou a outro sentenciado qualquer, deixa em aberto para o leitor deduzir uma realidade subjetiva. Na verdade o que mais importa aqui não são os fatos objetivos, exteriores, mesmo porque são também nebulosos, estranhos, como sugere a frase “O Além é uma condensação de *fog*”, mas o drama íntimo do personagem que busca em si alguma dignidade para enfrentar seus algozes. Creio não ser despropositado ver neste conto uma metáfora para a própria tirania da morte, que vem conduzir todos no final da vida para o muro. O autor parece nos propor esse índice de leitura na seguinte passagem: “Pressinto o muro à minha frente, param, voltam-me o dorso contra ele. Mas o muro verdadeiro não é este, está sempre-me à frente, e atrás, dos lados também, solo murado, a cabeça roçando o paredão sombrio”.

A insistente metáfora da morte está presente também no provocante, no fantástico (no sentido literal do termo) conto “O Caso da Vela”, em que um braço avulso, desacompanhado do corpo, aparece (coisa de fantasma mesmo) para depositar uma vela acesa no parapeito da janela. Quando a mãe do narrador vai conferir, cai morta. Aqui a metáfora é mais explícita, representada pelo braço que o narrador diz ter apertado entre as mãos, o qual lhe deixa a lembrança impregnada de seu mau cheiro, de sua podridão...



Divulgação

O veio de poesia que transpassa todo o livro, como um rio que corta a paisagem e o tempo, está presente também em metáforas espalhadas – digamos incrustadas – nos textos, como esta: “Bomba! Redoma de fogo, bolha de lava em cujo ventre escrevo!” E a seguinte: O barqueiro ergue para ele os olhos profundos, duas poças de luz na cara morena sulcada pelo arado do tempo.”

Por fim (para não exaurirmos essa proposta de leitura, que cremos servir também para outros contos do livro), é de se notar no último texto, que empresta o título ao livro, um exemplo de poema em prosa, com metáforas, aliterações e ritmo próprio de um poema. Esse texto, de elaboração refinada, seria uma espécie de metáfora sonora, ou de alegoria, da pulsação inicial presente no ato de criação do mundo e, também, no ritmo vital constante da vida no universo. Uma espécie de fluxo e refluxo contínuo.

A riqueza significativa desses contos e as artimanhas estilísticas com que foram engendrados demonstram a intencionalidade lúdica e o projeto poético-narrativo do autor. E como os bons escritores são senhores de sua obra, nada nesse livro de bem elaborados e instigantes contos é gratuito ou desconexo. Tudo tem sua função bem articulada na obra, de acordo com o propósito do autor.

Wilson Pereira é mestre em Literatura Brasileira, pela UnB. Poeta, contista, cronista, ensaísta e autor de livros infantis. Publicou *Pedras de Minas* (poemas), *Amor de Menino* (contos), *Pé de Poesia* (infantil), entre outros livros.

Escritores Excluídos do Fundo de Pensão dos Trabalhadores da Cultura?

Uma campanha de utilidade pública pela previdência dos trabalhadores da Cultura, realizada pelo Ministério da Cultura, Ministério da Previdência Social e Governo Federal, está sendo veiculada nas emissoras de televisão.

Alguns leitores devem ter visto e, se ainda não assistiram, poderão ter acesso ao vídeo através do link <http://www.cultura.gov.br/culturaprevidenciaria/>

A campanha se refere a um plano de previdência para os trabalhadores da cultura, com a finalidade de os mesmos poderem ter acesso aos fundos de pensão, através de sindicatos, associações e cooperativas.

O Fundo de Pensão para os Trabalhadores da Cultura (CulturaPrev), uma ação do Ministério da Cultura, por meio da Funarte e do Ministério da Previdência Social, foi lançado em outubro pelo ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil.

Parabenizamos o ex-ministro pela criação do CulturaPrev, que beneficiará trabalhadores da área cultural.

O vídeo da campanha menciona as profissões de Cultura: música, artes plásticas, circo, dança, teatro; bem como os profissionais que trabalham nos bastidores como o maquiador.

E a Literatura? Não faz parte da Cultura?

Será que o escritor não necessita de previdência?

Creemos não seja esta a intenção dos criadores da referida campanha publicitária.

Esperamos sejam feitas as devidas retificações para um melhor esclarecimento.

Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 48,00

Assinatura Semestral: R\$ 24,00



Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 96954744 - I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, caricatura e logo do jornal de Xavier - www.xavi.com.br
Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade dos clientes.

RUY APOCALYPSE

Paulo Bomfim

Certa tarde, Carlinhos Penteadado aparece em minha casa acompanhado de um jovem alto e desgrenhado que trajava paletó de couro.

– Paulo, trouxe meu primo Ruy Apocalypse para conhecer você. É poeta e terminou de escrever um livro que se chama *Papoula dos Sete Reinos*.

O sorriso tímido do moço, seu jeito desengonçado de marinheiro que acabara de pisar terra firme, e os poemas que foi dizendo, fizeram daquele encontro um reencontro.

Senti que não nos estranhávamos, que nos reconhecemos e que pertencíamos à mesma tribo espiritual.

Ruy aconteceu em minha vida e na vida de minha família. Foi amado por meus pais, por minha mulher, por meus enteados e por meu filho ainda pequeno.

Quando o autor do *Realejo de Minas* chegava, era sempre momento de surpresa e de alegria. Vinha de suas aventuras trazendo para nós um sabor de madrugadas, com o pólen que os anjos boêmios espalhavam sobre seus cabelos.

Em delírios ia inventando e vivendo amores impossíveis.

Certa vez me disse que a única pessoa que poderia fazê-lo feliz era a poetisa Renata Pallottini. Queria se casar com ela. Se não conseguisse, se mataria.

Preocupado, procurei Renata e expus o problema.

A poetisa sorri meigamente sob a cortina da franjinha e diz:

– Se for para salvar o Ruy, eu me caso!

É claro que esse casamento jamais ocorreu, e o poeta continuou a caminhar de amor em amor.

Sua poesia era mais embriagadora do que todo o álcool que bebeu.

Às vezes o encontrava conversando com Menotti del Picchia, com Guilherme de Almeida ou com Paulo Dantas, outras, lutando capoeira com Martinho Lutero dos Santos, crítico literário e pastor protestante.

Foi irmão dos mendigos, das prostitutas e dos artistas. Reinava pelas madrugadas onde arrastava o manto de uma realeza astral e se tornava violento quando contrariado.

Numa noite discuti com outro grande poeta, Pedro Morato Krahenbul que acabou sendo jogado por ele num dos lagos da Praça da República.

Ora aparecia de braço quebrado numa briga, ora sobraçando flores que colhia nos canteiros da antemanhã.

Um dia em que minha sogra foi almoçar em casa, Ruy aparece vindo de algum bar da vida.

Pedimos a ele para se comportar.

Senta-se em frente de D. Luísa. Silêncio, todos aguardam a palavra do poeta que pigarreia e apenas diz: – Minha senhora, eu, modéstia a parte, tomo banho todos os dias.

Certa noite passando com minha mulher por uma esquina da São João, ouvimos alguém dizer:

– Lá vai o Paulo com a Emy, o brasão do "Armorial".

Era o Ruy, o poeta que se transfigurara em poesia.

Uns dizem que um automóvel o matou, outros, que foi visto entrando pela neblina com pirilampos brilhando em suas asas.

Paulo Bomfim é escritor, poeta e membro da Academia Paulista de Letras. Autor de *Navegante*, entre outros livros.

Dr. Roberto Scarano

Advogado

OAB - SP 47239

Trabalhista

Execuções

Cível Família

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo



Tel.: (11) 2601-2200 - Cel.: 8536-9992

scaranor@terra.com.br

CORA CORALINA POESIA

Ely Vieitez Lisboa

Há glórias tardias, reconhecimentos que demoram toda uma vida. Ana Lins Guimarães Peixoto Brêtas, a doce Cora Coralina, é um exemplo na literatura. Ela nasceu na Cidade de Goiás em 20 de agosto de 1889. Apesar de filha do Desembargador Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, teve uma vida atribulada, conheceu tempos difíceis, antes de sua consagração como poetisa. Publicou o primeiro livro somente em 1965.

Iniciou sua carreira literária aos 14 anos e em 1910 escreveu o conto "Tragédia na Roça". Muitos dizem que sua fama veio após a conhecida carta de Carlos Drummond de Andrade, publicada no *Jornal do Brasil* (27/12/1980). Ele elogiou muito a poetisa. "Assim é Cora Coralina, repito: mulher extraordinária, diamante goiano cintilando na solidão". Posteriormente veio a glória, a comparação com grandes poetisas, como Gabriela Mistral e Rosália de Castro. O famoso crítico literário Oswaldino Marques chama-a de Professora de Existência.

Ela teve uma infância atormentada. No poema Menina Mal-Amada, ela se descreve: "... Chorona, feia, de nenhum agrado, / menina abobada, rejeitada. / (...) com minha figura molenga, (...) Me achei sozinha na vida. Desamada, indesejada desde sempre".

A "menina chorona, enjoada, moleirona", que tinha boqueira ou cieiro, trazia em si muita coragem, determinação e inteligência. Valente, verdadeira heroína de romance, venceu todos os percalços que surgiram, lutou muito. Autodidata, com suas leituras clássicas e o dicionário, que usava como instrumento maior e considerava pai, tio, avô??, amigo e mestre (poema Voltei), pois ele "Ensina, ajuda, corrige, melhora, protege". Tem conceitos notáveis:

"...o povo que faz a língua / Outro escritor: a língua é viva e móvel. Os gramáticos a querem estática, / solene, rígida. Só o povo a faz renovada e corrente / sem por isso escrever mal".

Ela não é teórica. A linguagem, em sua obra, é ousada, livre, dinâmica. Emprega as palavras populares, em uma oralidade aberta, corruptelas, neologismos e galicismos. Ao mesmo tempo usa termos eruditos, com versos notáveis: "Simbolismo dos velhos avatares" (do poema O Beco da Escola).

As personagens dos seus poemas são as mulheres humildes, da vida, lavadeiras, do povo. Ela faz retratos de parentes, conhecidos, captando todo seu microcosmo, todavia com uma cosmovisão que os engrandece, ficam mágicos e eternos. Mas a personagem principal do seu mundo é, sem dúvida, Aninha.

Nos poemas de Cora Coralina realçam-se características expressivas: o lirismo puro, uma ingenuidade aparente, um sensualismo forte e telúrico, a sinestesia, com uma mistura de sensações riquíssimas. Muitos são antológicos, como a Oração do Milho e o Poema do Milho. Na verdade, a poesia de Cora Coralina é constituída de textos densos, para serem lidos em vários planos. Lembram o conselho clássico: simples, para que todos os entendam e profundos, que agradem aos mais cultos. Realce-se ainda uma liberdade quanto ao ritmo, no gênero poético, com poemas enormes e muita mistura: pode-se até falar em prosa poética. Na realidade, seu lirismo é mais conteudístico que formal. Enfatize-se que, na pretensa simplicidade, seus poemas são de grande teor literário, belíssimos, filosóficos. Ela faz também poesia social, cujo gênero alguns repudiam como verdadeiramente lírica. Cora consegue o inusitado com poemas excelentes.

Sabe-se a dificuldade de se estabelecer os limites entre o autor e sua obra. No caso específico de Cora Coralina, sua obra poética é, intrinsecamente, ela mesma, seu mundo, sua eterna busca. Procura a si própria, a mulher que pretende ser e é, sensibilidade, grandeza e ousadia.

A 9ª Feira do Livro de Ribeirão Preto homenageia Cora Coralina. Convidou-se Luiz Fernando Valadares Borges, o mineiro-goiano brilhante, advogado, contista e poeta. Dia 19 às onze horas, eu o acompanhei no Café Filosófico, diante de um público muito interessado. E soube-se da razão do seu aposto: Especialista na Obra de Cora Coralina. Surpreendeu e encantou os presentes durante uma hora, com o conhecimento de quem conviveu com a poetisa (ele era então um jovem poeta idealista). O material exposto era tão raro e rico, que pedi a Sérgio Lago, em público, para novo convite a Luiz Fernando em 2010. Só assim ele poderá nos passar todo o fruto da experiência de conviver com Cora Coralina. Con-



Divulgação

Cora Coralina

vite aceito, no final fiz um repto, verdadeira convocação: ele precisa de colocar todo seu material em livro. As palmas selaram sua promessa.

Por achados assim, oportunidades únicas, é que se vê a importância de um evento como a Feira do Livro de Ribeirão Preto. Ela propicia que se encontrem tesouros de intelectualidade, pedras raras do saber literário.

Ely Vieitez Lisboa é escritora.
E-mail: elyvieitez@uol.com.br

DESTERRO

Emanuel Medeiros Vieira

Desterro cumpriu-me
e cumpriu-se.

O rio começava atrás de casa
(como eu),
e foi embora – afluentes.
Vento sul, Campo do Manejo, Rita
Maria, Rio da Avenida, Miramar,
bala queimada, Catecipes, Praia do Muller,
procissão do Senhor Morto, Cine Rox,
gibis, Grupo Escolar Dias Velho,
Chico Barriga D'Água, paixão camuflada pela menina
da Rua de Cima – ela nunca soube.)
Só enuncio: acúmulo – sobrecarregado.

O rio foi embora.
Casa demolida, mãe na soleira da porta, pitanga no
quintal, regata na Baía Sul, matracas, turíbulos, trapiche da
Praia de Fora, gaita-de-boca, groselha, tainha frita,
fogão de lenha, beliches, pé de amora.

Perdeu-se o rio: não sei do seu delta.
Perdi-me: tiro certo na gavota.
A rua pequena, era a maior do mundo – coração.

Desterro inunda-me:
outrora/agora.

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta e crítico literário.

LIVRARIA BRANDÃO

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

**Vendem-se obras de 2ª mão, de todas
as áreas do conhecimento humano.**

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br

ANOTAÇÕES (VI)

Fábio Lucas

15. A Questão Agrária

É longa a história das terras do Brasil. Vem desde as capitânicas hereditárias, sintagma a conectar dois campos semânticos: o de *capitania* e o de *hereditária*. Poder e privilégio.

Na semântica da grande imprensa brasileira, o que temos: o primeiro invasor de terras públicas, acoitado pelo Prefeito Municipal, pela Câmara de Vereadores, pelo deputado e pelos donos de Cartórios, denomina-se, invariavelmente, *fazendeiro*.

Com isso, pode desmatar, expulsar os pequenos agricultores, os da lavoura doméstica, e criar extensivamente o gado e produzir a soja. Isto é, o montante de proteínas a ser exportado aos estrangeiros da Europa, da Ásia e da América do Norte: os grandes mercados. Nunca para diminuir a fome dos pobres. Daí, serem *fazendeiros* os grileiros do Pontal do Paranapanema de São Paulo, os do Mato Grosso, da Amazônia ou os arroteiros do Raposa/Terra do Sol de Roraima.

Se os pequenos agricultores, expulsos, demandam as periferias das grandes cidades, em busca de melhor sorte, e não logram ser absorvidos pela atividade urbana, especialmente industrial ou de serviços gerais, mas se organizam e tentam regressar às terras de origem, recebem, na grande imprensa, a designação de *invasores*. Em resumo: os grileiros acobertados pelo poder são chamados de *fazendeiros*; os sem-terra, de volta ao campo, denominam-se *invasores*.

Nossa imprensa precisa ser traduzida diariamente pois as notícias internacionais se repetem em todos os veículos, com as mesmas palavras e imagens, os mesmos erros de Português e de tradução. Questionada, se intitula *imprensa livre*.

16. Literatura Francesa no Brasil

O Museu da Língua Portuguesa em boa hora resolveu rememorar a vasta influência francesa nos rumos da Literatura Brasileira. Com efeito, no século XVIII as idéias autonomistas inspiravam-se nos autores iluministas. Sobre a variada e, na ocasião, *suspeita* biblioteca do Cônego Luis Vieira da Silva, escreveu Eduardo Frieiro, no ensaio *O Diabo na Livraria do Cônego* (Belo Horizonte: Liv. Cultura Brasileira, 1945). O Iluminismo se entremostra em J. Basílio da Gama, Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto e, especialmente, em Silva Alvarenga.

O Romantismo brasileiro desfralda patente coloração francesa. Não somente em face do

Enciclopedismo e de influentes poetas como Alfred de Vigny, Alfred de Musset, Lamartine e Victor Hugo, mas também pelas leituras de Clássicos e românticos ingleses e alemães em traduções francesas. Certa vez, chegamos a elaborar um estudo sobre as epígrafes e investigamos em especial as epígrafes dos românticos brasileiros. Ali tínhamos Byron, Keats, Shelley e até Shakespeare citados em francês. É o que consta do ensaio "Da epígrafe" da obra *Fronteras Imaginárias* (Rio: Cátedra, 1971).

O que a exposição do Museu da Língua Portuguesa não revela é que o primeiro autor brasileiro a ler e divulgar Mallarmé terá sido Medeiros e Albuquerque. É o que disse Araripe Jr. ao assinalar que em 1887 Medeiros e Albuquerque recebeu de um amigo de Paris as obras simbolistas de Mallarmé e de outros poetas da mesma orientação. E dividiu a leitura com Gama Rosa, crítico e sociólogo.

Por sua vez, Medeiros e Albuquerque se deixou influenciar pelo Simbolismo, como se verifica da leitura de *Canções da Decadência e Pecados*, ambos de 1889. O poeta já proclamava Mallarmé como "deus real" e sustentava a supremacia da forma sobre a idéia.

Tudo isso fica sucumbido pela visão concretista das relações da cultura francesa com a Literatura Brasileira. O maior destaque cabe a Haroldo de Campos.

No campo do Simbolismo, justo destaque a Cruz e Sousa. Mas nenhuma referência aos poetas brasileiros que se exprimiram em francês. Por exemplo: nada sobre os versos de *Pauvre Lyre* de Alphonsus de Guimaraens, cuja primeira edição é de Ouro Preto (Editora Mineira, 1921). Segundo Otto Maria Carpeaux, "Nenhum outro poeta brasileiro, nem sequer Cruz e Sousa foi tratado de maneira tão revoltante pelos 'donos da poesia' da época como Alphonsus." (cf. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, Rio: Editora Letras e Artes, 1964, p. 224).

Até mesmo Graça Aranha teve a sua peça *Malazarte* (1911) escrita em Português e em Francês.

Esta é uma nota breve sobre a exposição do Museu da Língua Portuguesa. Gostaria de ter visto lá, por exemplo, *Alguns Aspectos da Influência Francesa no Brasil* (Rio: Liv. José Olympio Editora, 1963)

de Francisco de Assis Barbosa. Ao lado, naturalmente, de *Ouvrages brésiliens traduits em français* por Estela dos Santos Abreu (Rio: Academia Brasileira de Letras, 2008, 6a ed. atualizada).

Para rematar: a influência francesa mais negativa se deveu, no século XIX, a Gobinau cuja obra *L'inégalité des races humaines* sustenta a inferioridade genética dos negros em comparação com os brancos. Tal disparate obteve apoio do mulato Oliveira Viana, ideólogo brasileiro de grande prestígio da metade do século XX. De modo indireto a mesma tese foi defendida por Jorge Luis Borges em entrevista à revista *Ersilla* dos tempos de Pinochet.

17. Cesta-básica

Sobre Clarice Lispector, poucas vezes se fez um livro tão belo quanto *Clarice Fotobiografia* de Nâdia Battela Gotlib (São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2008). Para gaúdio dos homens de Letras, a edição encontra-se esgotada, estando a segunda nas livrarias, acrescida de índice onomástico. Há demanda de bons trabalhos entre nós.

Em matéria de linguagem adequada ao romance histórico, sem perda das qualidades exigidas à melhor ficção, nada como *O Pastor das Sombras* (Belo Horizonte: Pulsar, 2009) de Luís Giffoni, experimentado narrador que atinge, com essa obra, o seu mais elevado momento

de criação literária. Une inspiração à competência. Juntas, a imaginação e a pesquisa nos oferecem um símile de biografia do primeiro bispo de Mariana, Dom Manuel da Cruz, aquele a que se refere o *Aureo Trono Episcopal*, de alta impregnação barroca.

Claudio Willer, com *Geração Beat* (Porto Alegre: L&PM, 2009) realizou um dos mais instigantes ensaios sobre os autores estadunidenses que maior influência exerceram sobre a sua geração de poetas e ficcionistas. Claudio Willer já havia traduzido *Uivo, Kaddish e outros poemas* de Allen Guinsberg, em 1984, pela mesma editora.

O texto de *Geração Beat* é informativo e, na medida do possível, didático. Vale a pena ser lido. Faltou apenas mencionar os grandes aficionados brasileiros, como, por exemplo, Flávio Moreira da Costa, grande ficcionista, conhecedor agudo de Jack Kerouac e ocasionalmente narrador na linha *beat*. A geração tem agora, com o ensaio de Claudio Willer, valoroso estudo em língua portuguesa.

Fábio Lucas é escritor, crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras.



Divulgação

Débora Novaes de Castro

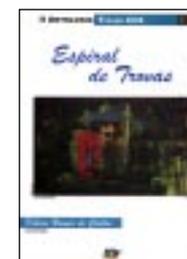
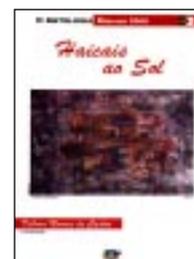
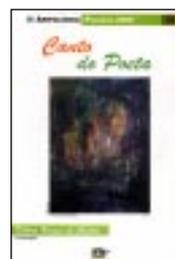
Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA.



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Poemas: II Antologia-2008
CANTO DO POETA - novo
Trovas: II Antologia-2008
ESPIRAL DE TROVAS - novo
Haicais: II Antologia-2008
HAICAIS AO SOL - novo

Opções de compra: Loja virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br

via telefax: (11) 5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br

Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040 .

Sarau Linguagem Viva & Clube Cem

O Sarau *Linguagem Viva* & Clube Cem acontecerá no dia **28 de julho**, terça-feira, a partir das 20:30 horas, no Clube Cem, Rua Fradique Coutinho, 1048, Vila Madalena, em São Paulo.

Os escritores convidados são Djalma Allegro, Milton de Godoy Campos, Nilza Amaral e Rodolfo Konder. A Apresentação musical será de Ary Marcos (flauta) e Francisco César (violão e voz).

O sarau é coordenado por Rosani Abou Adal (Literatura), Marcos Carreira (teatro) e Ary Marcos (música). O evento contará com apresentações de recitais, de leituras dramáticas de textos por Marcos Carreira e Guilherme Carreira, de música e de um dvd, com a participação do ator Lázaro Ramos, sobre o conto *A Invasão*, de Rodolfo Konder.

Escritores Convidados

Djalma Allegro é escritor, poeta, jornalista, ator de teatro e televisão. Exerceu o cargo de secretário-geral da Ordem dos Advogados do Brasil. Autor de *Retomada*.



Mylton de Godoy Campos é poeta, escritor, professor universitário, pós graduado em Linguística pela Universidade de São Paulo, diretor da União Brasileira de Escritores e presidente do Clube de Poesia de São Paulo. Foi laureado com a medalha *Ciccilo Matarazzo*, com o *Prêmio José Ermírio de Morais* e com medalha de mérito de importante entidade cultural italiana.

Nilza Amaral é escritora, poeta, romancista, novelista, contista, professora de Línguas e Literaturas, vice-presidente da União Brasileira de Escritores e diretora da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Foi



agraciada com o *Prêmio Maestrle*, Itália, com romance *O Florista*, entre outros prêmios.

Rodolfo Konder é escritor, cronista, jornalista, professor universitário, conselheiro da União Brasileira de Escritores, membro do Conselho Municipal de Educação, diretor do MASP e representante da seccional de São Paulo da Associação Brasileira de Imprensa. Exerceu os cargos de Secretário Municipal de Cultura, de diretor da Bial de São Paulo e de presidente da Comissão Municipal para as Comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Foi laureado com o *Prêmio Jabuti*, da Câmara Brasileira do Livro.



Os Coordenadores

Rosani Abou Adal é escritora, poeta, publicitária, jornalista, 2ª vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão.

Marcos Carreira é ator, professor, iluminador e diretor teatral. Agraciado com os prêmios de Melhor direção pelo espetáculo *O Elixir da Vida* e Melhor Iluminação pelo espetáculo *Quase Uma*.

Ary Marcos é flautista, poeta, editor do site Samba de Alambique - www.sambadealambique.com.br - e parceiro musical de Lula Barbosa com músicas gravadas por Célia.

O Clube Cem

O C.E.M - Clube Etilico Musical, fundado em 4 de agosto de 2002, tem como objetivo resgatar, promover e divulgar a Cultura Brasileira para seus membros e comunidade.

O clube não dispõe de garçom. O público se serve e fica a vontade. O sistema é o de fichas no caixa.

O Clube CEM - Rua Fradique Coutinho, 1.048, funciona as quintas, das 20:00 às 00:00 h.; sextas, das 20 à 01:00 h.; sábado, das 18:00 à 00:00 h.; e domingo, das 12:00 à 00:00 h.

A casa abrirá na última terça-feira apenas para o sarau.

Serviço:

Entrada: R\$ 7,00. Sem taxa de consumação mínima.

O Clube Cem não aceita cartões de débito e crédito. Apenas cheque.

Não tem taxa de 10% do garçom. O sistema é de fichas no caixa.

Abertura da casa: 19:30 horas

Sarau: das 20:30 às 23 horas

Não pode fumar no local (Lei Prefeitura Anti-fumo).

É proibida a entrada de menores de idade.

O Clube Cem é adequado acusticamente em relação à Lei do Psiu da Prefeitura.

Rua Fradique Coutinho, 1048 - próximo à Livraria da Vila e à Rua Aspucuelta.

Metrô Vila Madalena - ônibus Edu Chaves - ponto Fradique esquina com a Aspucuelta. Tel.: (11) 3815-8456.

PROGRAMAÇÃO DO MUTIRÃO CULTURAL DA UBE

MÊS DE JULHO-AGOSTO DE 2009

Parque Dr. Fernando Costa, Av. Francisco Matarazzo, 455, Água Branca, Ciclo de Estudos Psicologia na Oratória, ministrado por Francisca Garcia Gianiselle, dias 12, 19 e 26 de julho e 2, 9, 16, 23 e 30 de agosto, das 9 às 12h.

PUC- Centro de Estudos de História da América Latina, Rua Monte Alegre, 984, sala 62, prédio novo, térreo. Ciclo de Estudos: Técnicas de Oratória, ministrado por João Meireles Câmara, orientadores: Armando Taminato e Sueli Carlos, dias 18 e 25 de julho, 1, 8, 15 e 29 de agosto, 5 e 12 de setembro, 8:30 às 12h.

Escritor no Parque Dr. Fernando Costa, Quiosque n.03, Av. Francisco Matarazzo, 455, dia 29 de agosto, às 14h. Poderão participar escritores que queiram divulgar sua obra.

Todos os eventos são gratuitos. Informações através do e-mail fonosuelicarlos@gmail.com ou pelo telefone (11) 7394-8261 com Sueli Carlos.

Vestibular & Concursos



Sonia Adal da Costa

I) - Assinale com um X os grupos em que todas as palavras estão corretamente grafadas.

- 1- () mesquinês, cortês.
 - 2- () espontâneo, esplêndido
 - 3- () Ascensão, assessor.
 - 4- () Escassês, excessivo.
 - 5- () Analizar, focalizar.
 - 6- () gorjeta, sarjento
- Resposta: alternativa 3

Correção:

- 1- Mesquinez
- 2- Esplêndido
- 4- Escassez - excessivo.

5- Analisar.

6- Gorjeta - sargento.

II) - Assinale a alternativa correta quanto à acentuação:

- a) Rúbrica, ávaro, juiz.
- b) Fórceps, púdico, ruína.
- c) Pólen, vírus, bônus.
- d) Caju, sací, íbero.

Certa: C

Correção:

- a) Rubrica - avaro
- b) Pudico
- d) saci, ibero

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infante-Juvenil* pela Universidade de São Paulo. portsonia@ig.com.br

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

Claudio Willer, O Arauto.

Paulo Veiga

Sempre que sou convidado por um colega para lançamento de uma obra procuro comparecer. É solidariedade que deve existir entre escritores, embora muitas vezes o gênero não seja o preferido.

O ilustre poeta e amigo Claudio Willer autografou na Livraria Martins Fontes, na movimentada noite de 3 de junho/09, a obra *Geração Beat*. Compareci ao evento mesmo porque só conhecia a fama do movimento Beat pela música.

Constatei que a obra não é simples "Pocket", e sim livro de intensa literatura, pois não imaginava que no subterrâneo do que conhecia como simples protesto de jovens com ação libertária sexual, motivos de guerra no Vietnã, etc. na tentativa de mudar sociedade à moda deles, juventude.

Willer, de profunda cultura, trouxe à tona os bastidores do Movimento Beat, e tudo diferente do pouco que conhecia pelas baladas, aliás, termo que não existia na época da minha mocidade, mas nas festividades da década de 60 na Jovem-Guarda, festinhas censuradas como músicas do diabo.

A obra mostra o que foi considerado contracultura e surrealismo, em que envolvia política, apologia do comunismo, religião de vários segmentos, gnósticos, agnósticos, budismo e outras filosofias, ainda homossexualismo, promiscuidades, variedade de tóxicos como a cocaína, a maconha e outras que nunca ouvi falar. Devo esclarecer que sou um agnóstico, mas não a procura da verdade como prova, mas sim na espera que a verdade venha até mim, pois não vou procurar o que tenho consciência de não existir.

Willer mostra o movimento com propriedade, fruto de pesquisa de fôlego sobre os participantes, e logo no início expõe que o termo é irônico e depreciativo, originário da mídia em 1.950. Desconhecia como movimento literário da geração beat, embora a música sempre tenha na retaguarda a literatura. Desconhecia porque como movimento literário foi mais pungente até 1.958, mesmo considerando a literatura marginal feita por marginais, obscura, mas talvez próximo da poética anacreônica, só que aparentemente mais obscuro. Willer, bom tradutor, traz traduções a exemplo de "kiss Ass", "Naked lunch", "Fuck the Jews", muito bom para o leitor mais afastado das palavras inglesas pouco usadas. É leitura para adulto de cultura para achar o valor literário no que alguns chamavam de contracultura e, embora não encerrada, mas a partir de 1.970 foi prestigiada pelo que revela Willer das atividades culturais do ideólogo Ginsberg.

A obra é espetacular, pois se houve contracultura, a obra de Willer é cultura, e são citados vários personagens de cultura, componentes da Beat, a



exemplo do mencionado Spinoza, judeu português que renunciou o judaísmo e demais religiões. Há cultura, mesmo porque muitos dos componentes de diversos segmentos da Beat eram formados a exemplo de Burroughs, Antropólogo e, como afirma Willer, sua principal fonte de pesquisa foi a biografia de

Burroughs.

Não vejo contracultura, apenas uma mudança dos tempos, pois tudo que acontecia nas orgias, sempre houve e desde tempos remotos. Quando estive na Anatólia, lado asiático da Turquia, precisamente em Pamukkale, lá conheci as ruínas de uma biblioteca, e como explicou o guia da excursão, da biblioteca saía para um subterrâneo onde havia uma sala de prostituição. No mesmo local ao lado da grande praça havia um estádio de esportes, como nos ginásios de Roma em que os banheiros públicos eram ao ar livre, devassável. Claro que deveria haver malícia dos frequentadores, embora com uso de túnicas longas, sem peças íntimas, a roupa cobrisse as nádegas e as genitálias ao se abaixarem no vazo de cimento. Há até hoje os frisos por onde corria a água sanitária, espécie de cloaca. E pergunta-se: não era coisa promíscua? O movimento Hippie, então, foi apenas em termos pornográficos uma evolução dentro de novo tempo. E o Happy atual não é uma evolução da música Beat, também de protesto? Se houve plantação de maconha no México, não difere de hoje, só que hodiernamente deve ser mais prático adquiri-la no mercado, embora alguns só para o tráfico plantem em alguma parte do Brasil.

Sei que Willer compreenderá o que digo, pois teve e tem pleno relacionamento cultural sobre o tema Beat, inclusive prefaciou livro sobre o assunto. O que vejo é que o movimento foi mais trepidante que outros em face dos assassinatos, suicídios, assaltos, vagabundagens, tráfico de tóxico, homossexualismo, amor livre, etc.

Houve aqueles como Ginsberg que chegou a buscar a transcendência como informa Willer, através de alucinógenos, meio de busca à morte, que faz lembrar em contexto diferente Augusto dos Anjos. Só que o poeta da morte não alternava poema religioso com sexo, e nem usava expressões de devoção e de devassidão, enquanto os Beats se caracterizavam religiosos com

afirmação de Alexandrian, como ponto de concordância entre todas as religiões. Pude conhecer em visita a Konya, cidade na Capadócia, Turquia, o túmulo da astróloga e filósofa espiritual considerada Deusa, a "Mauluna", que defendia a universalidade entre todas as religiões, o bem universal e, até hoje, adorada inclusive pelos muçulmanos.

Temos na página 62 a exaltação mística reproduzida por William Blake na quadra:

*Num grão de areia ver o mundo
Na flor silvestre a celeste amplidão
Segura o infinito em sua mão
E a eternidade num segundo.*

É filosófico, é para pensar e faz lembrar da poesia, em outro contexto, que envolve a natureza ou o amor, ou seja: na tradição das cantigas malaias, mas fora da oralidade, o chamado "Pantung". No Brasil denominado "Pantum", e pouco conhecido, salvo Olavo Bilac que o escreveu com o título "Pantum" e, salvo ainda, Alberto de Oliveira que o escreveu com o título "Serenata no Rio". Fora do Brasil conheço apenas Ruy Cinatti, como dito, em outro contexto, mas também para olhar ao teto e pensar, como exemplo:

*O mar e as estrelas cintilam,
As gralhas comem o arroz de seara
Se a nona não me acredita,
Abra-me o peito, veja-me o coração.*

Os protestos chamados de contracultura ante o inacreditável que até queimou dinheiro como protesto contra o capitalismo, que de Solomon, na realidade trouxe proveito como à liberdade da mulher, e a liberdade de expressão; inclusive do que era obsceno, hoje aceito como vocabulário normal, pela mídia, aperfeiçoado a partir do movimento da Jovem-Guarda.

Beat foi um movimento eclético e de revolução sexual recebida como inovadora dos atos sociais, que realça ao que era antes do movimento Beat. Aliás, Willer cita D. H. Laurence, que para quem não leu "O Amante de Lady Chatterley", o amante era o guarda-florestal Mellors, que aproveitou da amante Constance porque o marido Clifford era portador de bloqueio físico pela secção medular, que o deixou impotente. Obra que está entre os três melhores romances do Século XX que, em 1.938, ficou proibida por 12 anos a publicação na Inglaterra.

Willer cita também a ideia da literatura pessoal derivada de Eliot, Nobel de Literatura de 1.948. Portanto, *Geração Beat*, de Willer, amplia para o leitor a cultura, e o movimento Beat. Para mim era centralizada somente nos Estados Unidos, mas na realidade foi de alcance mundial, tanto é que, como afirma o Dr. Willer "On the Road" se tornou best seller. Aliás, também o "Uivo" foi de grande aceitação não só no meio Beat, mas fora dele sem fronteiras, até Dalai Lama foi ouvido, em que pese Ginsberg e Kerouac agirem em ideologia antagônica: um defendendo a expansão do movimento em direção universal e, o outro, opostamente aos costumes que vis-

lumbravam uma sociedade aberta e plural em mundo hermético. Já Kerouac a restaurar a comodidade tornou ambos os movimentos produtivos.

O anarquismo subterrâneo contribuiu para ser polo cultural, pois se explorava a arte, como o teatro, as declamações de poesias e, isto, ao público. Foi tentada a censura contra o Uivo, além dos escândalos publicados nas mais famosas revistas, a *Time* e a *Life*, mas colocou ainda mais em destaque a Beat, reforçando o movimento hippie e beat. Aliás, contra os hippies houve violência e quanto aos beats notavam-se mais prisões a parecer menos violentas que os atos contra os hippies. Willer retrata muito bem a violência na época, o que o leitor conhecerá como movimento festivo não era só de festas ante a violência policial, inclusive fora dos E. U.

A sociedade fervia em contestações, porém mais de ordem política, não só em 1.968 entre os americanos, por exemplo, na eleição de Nixon, mas também em Paris quando do movimento estudantil que resultou na 5ª República Francesa. Lia-se nos muros: "A sociedade é uma flor carnívora."

Bem escreve Willer que a cultura fragmentou em várias tendências como "punks", góticos e outras, além de "neo-hippies". Mas a contracultura não declinou o prestígio da beat, e quanto aos hippies prevaleceu a expressão artística da música, e na poesia beat a linguagem se recuperou.

Como o movimento foi sem fronteiras, o Brasil também conheceu a poesia beat. Willer bem informado, além de traduzir Ginsberg recebeu notícias de Berlim pelo escritor Ignácio de Loyola Brandão, e dá aos leitores os reflexos do movimento no meio artístico brasileiro. E, aí, aparecem Zé Celso Martinez Correia, e os cantores na Tropicália, aparecendo Caetano Veloso, Raul Seixas, vindo realçar à contestação contra o AI-5. Da polêmica transmitida pela imprensa Willer publicou "Os Beats Abominaram a Década de 50, conforme Follhas de 03/03/84.

Muito teria a expor, mas resumindo, tenho que a contracultura balançou a sociedade em vários segmentos culturais, poesia, música, teatro, cinema, embora não fosse escola literária. Restou uma criação nova na poesia, e até hoje o movimento não está totalmente esquecido, e se vê em outros segmentos de protestos o reflexos beat a exemplo do Rap, que é protesto e de sociedade inferior, mas não tão marginal o que chamo de "Ópera de Pobre".

Apreendi muito com o Dr. Willer, resta-me ler o "Uivo" e "O the Road". Recomendando a leitura de *Geração Beat*, pois muito aprenderá, é leitura fácil, e mais, os roda-pés enriquecem ilustrando a história. Claudio Willer é um arauto da cultura.

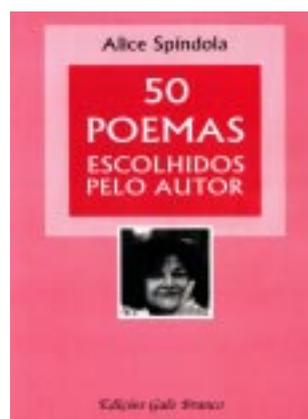
Paulo Veiga é escritor com seis obras publicadas e membro da Academia Fortalezaense de Letras.

Lançamentos & Livros

Enseada do Segredo, romance de Morgana Gazel, Scortecci Editora, São Paulo, SP, 222 páginas, R\$ 29,80. A obra, que narra os conflitos de mãe, filhos e dos homens, explora de forma romaneada a psicologia. O romance se desenvolve repleto de suspense e segredos e nos leva a refletir sobre o cotidiano de nossas vidas. Mais informações e comentários sobre o livro: www.morganagazel.recantodasletras.com.br e www.mg.recantodasletras.com.br.



Scortecci Editora: Tel.: (11) 3032-1179.
www.scortecci.com.br - **Livraria Cultura:**
www.livrariacultura.com.br - **Livraria**
Asabeça: www.asabeça.com.br

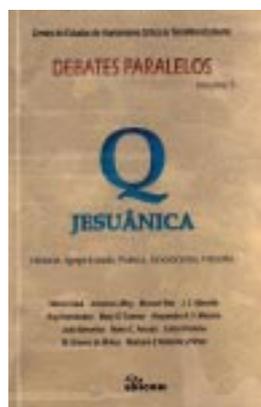


50 Poemas Escolhidos pelo Autor, Alice Spindola, Edições Galo Branco, Rio de Janeiro, RJ, 104 páginas. A autora é poeta, contista e membro da UBE-RJ e UBE-GO. Alice tem poemas traduzidos para o francês, alemão, espanhol, húngaro, inglês e italiano. A obra é dividida em *Nos Adentros do Silêncio*, *a Clariaudiência*, *Fio de Labirinto*, *Rosacesa*, *Ternura das Horas* (O tempo tecendo o próprio tempo), *Olhos D'Água Viva*, *Araguaiando* (os coloridos d'água), *Araguaia - Rio & Alma de Goiás*, *O Loire - Poema Fluvial da França*.

Edições Galo Branco: Av. Presidente Vargas, 482 - sala 716 - Rio de Janeiro - RJ - 20071-000. www.edicoesgalobranco.com.br - Tel.: (21) 2283-1742. **Alice Spindola:** alice.spindola@hotmail.com

A CIRCUNSTÂNCIA DE JESUS REDISCUTIDA À LUZ DE DOCUMENTOS E PESQUISAS

DEBATES PARALELOS, Volume 5, 2009, com a chancela da Editora Edicon [São Paulo, Brasil], do Centro de Estudos do Humanismo Crítico [CEHC - Guimarães/Portugal] e da TerraNova Comunic [São Paulo, Brasil], foi publicado o Volume 5 da coleção Debates Paralelos consagrada a estudos da Questão Jesuânica [Q Jesuânica], abrangendo História, Igreja-Estado, Política, Gnosticismo e Filosofia, com textos de Maria Vidal, Johanne Liffey, Manuel Reis, J. C. Macedo, Ruy Hernández, Mary O'Connor, Alexandre A. F. Moreira, João Barcellos, Maria C. Arruda, Carlos Firmino, M. Branco de Matos e Mariana d'Almeida y Piñon, sob coordenação de João Barcellos, editoração de ensaios e depoimentos de Maria C. Arruda. A nova coletânea circula entre grupos, de cultura alternativa, luso-africanos e latino-americanos, de Portugal, Brasil, Espanha, EUA, Irlanda, Argentina, Chile, Guatemala e México.



Debates Paralelos, Vol.5, tem os seguintes temas: A Propósito da 'Q JESUÂNICA', Introdução; Crimes de Guerra, Intelectualidade e Religião [Carlos Firmino]; Este Mundo que Somos [Alex Mor / Ci Mor]; A Mulher Segundo Madalena - Ou, a arqueologia do desmanche do Cálice da Vida! [Maria Vidal]; Gnósis e Anarkhos - A Estrutura Comunitária em Discussão [Mary O'Connor]; Tribos Conflitos de Ontem & de Hoje [João Barcellos]; Identidade Religiosa [Mariana d'Almeida y Piñon]; O Mi(ni)stério de Jesus [Ruy Hernández]; Jesus e os Velhos Rituais da Cura [Maria do Carmo Arruda]; O Mundo Visionário da Monarquia e da Igreja [Maria C. Arruda & João Barcellos]; A ação do Eu e o Deus que o transcende [Johanne Liffey]; Operação Q [J. C. Macedo]; Ortodoxia versus Gnósticos, Na Cultural Ocidental...Até à sua Exterminação Final?!... [Manuel Reis]; Manuel Reis por Branco de Matos.

João Barcellos: jb@impressaocores.com.br - www.noetica.com.br
 CEHC // lillian.reis@iol.pt

ASSIM CAMINHA ESTE LIVRO...

Caio Porfírio Carneiro

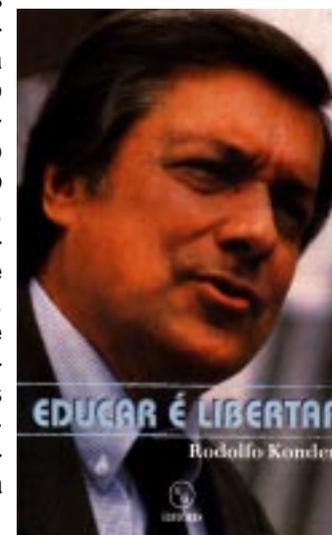
O bom cronista parece que se repete, quando não se repete nunca. É a arma poderosa dele. Eis que ele inova, renova, aproxima-se da ficção, vai à memorialística, num fuso veloz e inversamente calmo, navega do passado ao presente, situa-se dentro do tempo vivido e que o cerca, com visão e captação cósmica, que encanta, seduz e quantas vezes assusta. Susto ou surpresa, porque ele mergulha e traz à luz temas quantos deles ásperos e os trata – eis o belo mistério – com leveza e sutileza mais encontradiças na Poesia.

Isto é o que encanta no *como dizer* de Rodolfo Konder, até quando se vale, sem rodeios, de vocábulos fortes. Assim, com notável pureza estilística, põe-nos diante dos olhos temas chocantes, ao sentir que não pode fugir deles; assim, com essa pujança artística, toca - e como toca... – em feridas esquecidas ou aparentemente cicatrizadas; assim, sopra ele do borralho quantas verdades nascidas dos tombos desta humanidade que se diz civilizada.

Este livro – *Educar é libertar*, RG Editores, 2009 -, de enunciação um tanto didática para bem defini-lo, é uma sequência de abrir de cortinas, que trazem ao vivo, em perplexidade impressionista, os veios latejantes da opressão, que se alastram e mingam, mingam e se alastram, aqui e lá fora, enodoando o ser humano, que teima em trilhar o caminho da liberdade e da convivência democrática. Embora o título bem posto, lembrei-me, após lida a sequência de textos, do título de um célebre filme, - apenas do título, porque o tema do filme é outro: “*Assim caminha a humanidade...*” Caminhamos como está neste livro. Terminada a leitura dele, fica-nos doendo: De que barro somos feitos?

De *O Estado Assassino*, trabalho que abre o livro, a *Os Filhos do Futuro*, que o fecha, vê-se que o dedo do autor é um pêndulo acusatório em

direção à tortura e seus afins, em quaisquer de suas formas, e um sinal sensível contrapondo-os: a liberdade. Nada aqui é doutrinário. Está ela – a busca e luta pela liberdade – nas amostragens e força expositivas do autor. Revela-nos uma *verdade verdadeira*: a crença ou a fé, para uma salvação qualquer, está a um passo do fanatismo. E uma vez chegado nele, todas as monstruosidades, em nome dessa *crença* ou dessa *fé*, são válidas. Poderia citar alguns exemplos. Este livro, porém, na sua surpresa literária, é a síntese.



Tivéssemos que destacar um trabalho apenas, dentre todos, aqui reunidos, importantes e excelentes, apontaríamos para *Um crime sem perdão*. É, a um só tempo, reportagem, história, novela desnorteante e filme em preto e branco. Um libelo. É ler, por a mão na consciência, e perguntar-se se a humanidade vale a pena... Apesar de doído é um texto de fino labor literário.

O livro é uma advertência e uma mensagem em defesa da liberdade e da democracia. O autor parece até, com seu estilo límpido, que vai ao disfarce, quando, justamente por isto, expõe muito mais.

Em *A Morte do Verde* diz Rodolfo Konder que “*somos um animal ferido, que cambaleia, acossado por uma matilha de predadores famintos*”. Mostra nossas fraquezas, demônios famintos do egoísmo. Mas, por trás de tudo isso, revela-nos, sem exaltação, a chama infinita da Esperança.

Poderíamos alinhavar outros méritos deste livro. Para quê? Gostamos sempre de repetir o que dizia Rachel de Queiroz para um bom livro: É ler e tirar a prova.

Façam isto.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e secretário administrativo da UBE.

Profa. Sonia Adal da Costa

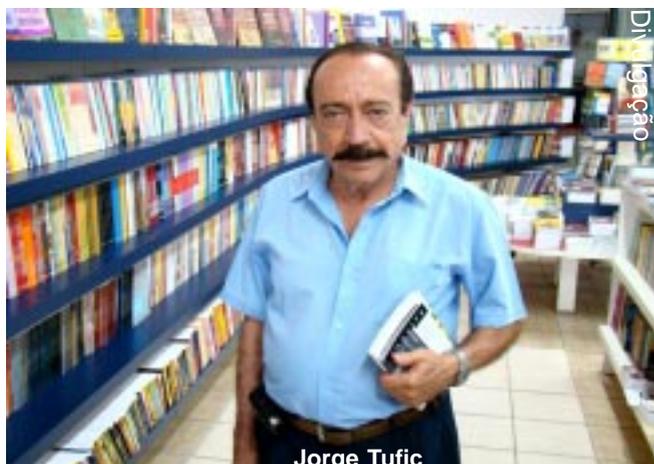
Digitação

Revisão

Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Notícias



Jorge Tufic

Jorge Tufic lançou *Um hóspede chamado Hansen*, Pela Edição Valer. Após 53 anos de sua estreia literária com o livro de poesia *Varanda de Pássaros*, o autor – um dos escritores mais expressivos da literatura amazonense – lança a primeira novela. Ele também participou da Bienal da Floresta do Livro e da Leitura, que foi realizada pelo Governo do Estado do Acre por meio da Fundação Elias Mansour.

Pedro Salomão José Kassab, médico e jornalista, foi eleito para a Academia Paulista de Letras para ocupar a cadeira número 25, deixada por Crodowaldo Pavan, cujo patrono foi Visconde de Porto Seguro.

Claudio Willer participou do evento *Leituras Poéticas Contemporâneas: um olhar sobre o Oriente*, realizado na Livraria da Vila do Itaim, no dia 15 de julho.

Fantasticon 2009 - III Simpósio de Literatura Fantástica, evento organizado por Silvio Alexandre, acontecerá nos dias 25 e 26 de julho, na Biblioteca Viriato Corrêa, Rua Sena Madureira, 298, em São Paulo. Tels.: (11) 5573-4017 e 5574-0389.

Yguarani, 'poética não completa' de Wilmar Silva, foi apresentada por Jorge Melícias em Cosmorama, em Porto, Portugal, no dia 18 de julho. Wilmar é responsável pelo projeto de pesquisa de poesia de Língua Portuguesa: *Minas entre os povos da mesma língua, antropologia de uma poética*.

Layssa Gabriela Almeida e Silva, estudante de Letras da UEG/GO, elaborará trabalho de conclusão de curso abordando a presença da mitologia na obra *Portão de Ferro*, da escritora e poeta Raquel Naveira. Para o mestrado, Layssa abordará as obras *Abadia* e *Casa de Tecla* e ampliará o estudo da mitologia (mitologia hindú, egípcia etc.). Ela será orientada pela Profa. Dr. Elga Laborde da Unb.

O Jornal Aldrava Cultural promoveu sarau Lítero-Musical, no dia 11 de julho, no Minas Scotch Bar, em Mariana (MG). O evento fez parte da programação do Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana.

100 anos Academia Paulista de Letras, obra lançada pela Imprensa Oficial do Estado de S. Paulo e Academia Paulista de Letras, com textos de José Renato Nalini e Marcio Scavone e fotos de Marcio Scavone, narra a história desde a fundação, em novembro de 1909.

O I Encontro de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil de São Paulo, acontecerá no dia 8 de agosto, sábado, das 10 às 18 horas, na Livraria Cortez, Rua Bartira, 317, em São Paulo. O evento é organizado pela Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil de São Paulo. A AEILIJ SP é coordenada por Regina Sormani. Informações: Livraria Cortez: www.livrariacortez.com.br - Tel.: (11) 3873-7111 ou, com Regina, (11) 9315-9549. <http://aeilijsp.blogspot.com>.

Geraldo Victorino de França lançou *Aprendendo com o Vovinho 2*, na Casa do Médico, no dia 18 de julho, em Piracicaba.

A Associação Nacional de Escritores promoveu, no dia 2 de julho, no auditório da entidade, em Brasília, a palestra *Um louco no cemitério, acusação de plágio e outros incidentes na vida de três jovens abolicionistas*, que foi proferida pelo escritor Antônio Temóteo.

A Editora Balsa Planeta lançou o *Dicionário da Língua Portuguesa*, adaptado ao novo Acordo Ortográfico. A obra é constituída de 34.483 verbetes, incluindo gírias, vocábulos raros e termos novos pertinentes ao universo cultural do estudante brasileiro.

Sergio Vaz, coordenador do projeto *Viapoesia - Sarau Cooperifa*, levou o evento para Santa Catarina, que foi apresentado no SESC da Capital, entre outras cidades.

O Ingresso do Museu da Língua Portuguesa, a partir do dia 1 de julho, custará R\$ 6,00 e R\$ 3,00 para estudantes. Professores da rede pública com holerite e carteira de identidade, crianças com até 10 anos de idade e adultos a partir de 60 anos têm entrada livre.

O II Congresso Nacional de la Cátedra UNESCO para la Lectura y Escritura acontecerá nos dias 5, 6 e 7 de outubro na Universidad de Los Lagos (Osorno, Chile). Os interessados em apresentar propostas deverão enviar um resumo do trabalho com até 300 palavras para o e-mail congresounesco2009@ulagos.cl.

Pedro Bandeira será o autor homenageado da 13ª Jornada de Literatura de Passo Fundo, que acontecerá de 24 a 28 de agosto, em Passo Fundo, RS. Pedro Bandeira é autor de mais de 70 livros com mais de 20 milhões de títulos vendidos na área de Literatura Infanto-Juvenil.

O Senhor Mach, de Geraldine Brooks, traduzido por Marcus Malvezzi Leal, foi lançado pela Ediouro. A obra foi laureada com o *Prêmio Pulitzer*.

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo promoveu, no dia 18 de julho, com o Clube do Choro de Santos, evento em comemoração ao Dia Estadual do Choro, em homenagem ao compositor paulista Aníbal Augusto Sardinha.

A Tarrafa Literária acontecerá entre os dias 3 e 7 de setembro, em Santos, no Teatro Guarany, na Praça dos Andradas, no Centro Histórico da cidade. A festa literária terá uma vasta programação e homenageará Euclides da Cunha.

A Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo abriu quatro editais de incentivo à cultura do Programa de Ação Cultural (ProAC). Para a Difusão de Literatura no Estado de São Paulo, o incentivo será de R\$ 60 mil para cada projeto, nas áreas de oficinas literárias, cursos sobre literatura, contação de histórias, palestras, entre outros. As inscrições estão abertas até o dia 26 de agosto de 2009, através do site. <http://www.cultura.sp.gov.br>

A Floresta de Livros, promovida pelo Instituto Pró-Livro, acontecerá entre os dias 10 e 20 de setembro durante a XIV Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro.

O Programa Perfil Literário da Rádio Unesp FM, idealizado e apresentado por Oscar D'Ambrosio, vai ao ar às 0h., de segunda a sexta, na Rádio Unesp FM. A emissora, que atinge um raio de 100 km e atende a cidade de Bauri e região, está sintonizada em 105,7 MHz e também está disponível na internet no endereço <http://radio.unesp.br>. Mais de 150 entrevistas estão disponíveis através do link http://aci.reitoria.unesp.br/radio/perfil_literario. A edição de áudio é de Daniel Patire, Danilo Koga, Fabiana Manfrim e Renato Coelho e a produção é de Fabio Fleury.

Oscar D'Ambrosio, escritor, jornalista e crítico literário, é coordenador de imprensa da Assessoria de Comunicação da Unesp e responsável pelo blog <http://perfilliterario.wordpress.com/> e pela página www.artcanal.com.br/oscardambrosio.

O Festival Internacional de Poesia de Dois Córregos, promovido pela ONG Instituto Usina de Sonhos, fundada pelo empresário e poeta José Eduardo Mendes Camargo, que aconteceu no mês passado, reuniu escritores e poetas de várias regiões do país e do exterior. Está sendo produzido um filme sobre o evento com o título provisório de "Versos Diversos", com roteiro e direção de Gilmar Moretti em conjunto com a produtora Bossa Nova Films.

José Eduardo Mendes Camargo, um dos vice-presidentes do CIESP (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo) e criador do projeto *EntreVersos*, que leva poesias a todos os segmentos sociais, acredita que Dois Córregos poderá se tornar a "capital da poesia".

A 17ª edição do Congresso de Leitura do Brasil, organizado pela Associação de Leitura do Brasil e patrocinado pelo Instituto Pró-Livro, acontece de 20 a 24 de julho na Unicamp, em Campinas. Sônia Machado Jardim, presidente do Instituto Pró-Livro, participa da solenidade de abertura do evento.

O Manifesto por um Brasil Literário, movimento que conta com a participação do Instituto Ecofuturo, Instituto C&A, Associação Casa Azul, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e do Centro de Cultura Luiz Freire, teve o seu manifesto lançado na FLIP, no dia 2 de julho. Tais iniciativas darão base a um movimento nacional de incentivo à leitura literária, publicado no site www.brasilliterario.org.br, que também abrigará um fórum de discussão, enquetes e notícias com essa temática.

A Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura promoveu, de 7 a 14 de julho, a quinta edição da Flap, Festival de Poesia Alternativa.

O 23º Salão Nacional de Poesia Psiu Poético, promovido pela Prefeitura de Montes Claros - MG, através da Secretaria Municipal de Cultura, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, a Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, Fundação Cultural Genival Tourinho, SESC Regional Norte, Jornal Hoje em Dia e a ATCMC, está com inscrições abertas até o dia 28 de agosto. O tema será *Cinepoesia a Invenção dos Geraes*, Os interessados poderão se inscrever para performances, recitais, esquetes teatrais, intervenções, palestras, debates, lançamentos de livros, CDs e demais manifestações culturais, desde que os trabalhos tenham a poesia como referência matricial. Informações e inscrições através do sítio www.psiupoetico.com.br ou pelos telefones: (38) 3229-3457 e 3229-3458.